



ANAIIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO  
ISBN 978-85-65957-00-7

## A história sem fio: questões para o historiador da Era Google

Anita Lucchesi\*

**Resumo:** O presente artigo objetiva apresentar algumas questões teóricas e metodológicas acerca da relação entre História e Internet. Trata-se, pois, de uma abordagem de caráter introdutório sobre alguns temas e problemas próprios da “Historiografia Digital” nos primeiros anos do século XXI (2001-2011). Para tanto, buscamos apontar algumas questões que surgem para os historiadores diante das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, sobretudo a partir da noção de ciberespaço, ancorada à emergência destas tecnologias, como um novo espaço público de sociabilidade de forte relevância para os estudos históricos do Tempo Presente.

**Palavras-chave:** Historiografia, Internet, Historiografia Digital

**Abstract:** This article presents some theoretical and methodological questions about the relationship between history and the Internet. It is an approach to introduce some issues and problems of "Digital History" in the early years of the century (2001-2011). Therefore, we point out some issues that arise for historians about new Information and Communication Technologies, especially the notion of cyberspace, anchored to the emergence of these technologies as a new public space of sociability with huge relevance to historical studies of "current history".

**Key-words:** Historiography, Internet, Digital History

*Todos usam a internet. Eu também. Todos falam sobre a internet. Eu também. Em tal tópico, o risco de ser banal é grande demais. Eu resolvi correr este risco, porque a revolução tecnológica que está ocorrendo perante nossos olhos e que modificou profundamente nossa existência mesmo nos aspectos mais triviais do dia-a-dia deve ser analisada em suas implicações.*

Carlo Ginzburg, Fronteiras do Pensamento, 2011

Estamos projetados contra as grades de segurança de nossa vagoneta. No *loop* da montanha-russa. Sangue bombeando forte na cabeça, vento forte e implacável obrigando os olhos abertos a lutarem para se fechar e os que estão fechados lutarem para se abrir. À nossa

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES.



ANais DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO  
ISBN 978-85-65957-00-7

volta, mesmo para os olhos abertos, há pouco mais que um borrão para se discernir alguma coisa. A aceleração do conjunto parece nos abstrair do próprio tempo. Irresistivelmente nos abandonamos à sorte dos espaços e dos tempos novos, aos quais, cada vez mais rapidamente, somos impelidos. É mais ou menos assim que Nicolau Sevcenko nos apresenta o mundo atravessado pelas velozes transformações desde a Revolução da Microeletrônica, na corrida para o século XXI. (SEVCENKO, 2009:16-17). É mais ou menos assim o período que buscamos investigar, o Tempo Presente.

Já chamado de “breve século”, pelo historiador Eric Hobsbawm (1994), o século XX, foi na imagem sugerida por Sevcenko, a queda abrupta que antecede o *loop* da montanha-russa, “o mergulho no vácuo, o espasmo caótico e destrutivo” (SEVCENCKO, 2009:16), de quando o horror manchou de vermelho as páginas da História. Quando “graças aos novos recursos tecnológicos produziu-se um efeito de destruição em massa; nunca tantos morreram tão rápido e tão atrozmente em tão pouco tempo” (SEVCENCKO, 2009:16). Século de experiências tão terríficas que mesmo depois da guerra tornar-se fria, ou justamente por isso, deixou no ar “a sensação de um apocalipse iminente” (SEVCENCKO, 2009:16).

Neste cenário de tamanha aceleração e precipitadas transformações a distinção entre passado, presente e futuro, se apresenta em linhas muito diáfanas. Parece contraditório falar, assim, em Tempo Presente, dada esta fraca percepção das fronteiras cronológicas por onde viajamos, mas a dificuldade não deve ser interpretada como impossibilidade. O tempo corre e na velocidade das inovações tecnológicas mais recentes - como as que permitiram o advento da Internet – escorre, mas ainda assim, há na História quem se arrisque a tentar apalpá-lo, mesmo em movimento. Vem daí, por exemplo, a cunhagem em Inglês dos termos *current history* ou *current events*. Como adverte nosso homem da montanha-russa (SEVCENKO, 2009:17):

*É fato que não se pode prever o curso e o ritmo das inovações tecnológicas, mas a conclusão seguinte – de que também não podemos resistir a elas ou compreendê-las – não é verdadeira. Podem-se muitas coisas com a técnica, e graças ao seu incremento é possível fazer cada vez mais. Mas uma coisa que a técnica não pode fazer é abolir a crítica, pela simples razão de que precisa dela para descortinar novos horizontes.*

As questões que atribulam os historiadores na Era Google<sup>1</sup> estão inextricavelmente ligadas a este cenário que estamos apresentando, cabe ainda algumas observações sobre esta noção de “aceleração do tempo”. Não podemos deixar de considerar que o advento da Internet contribuiu muito significativamente para as modificações na relação do homem com as informações, o tempo e o espaço. As novas tecnologias de informação e comunicação que vemos se desdobrarem no Tempo Presente alteram radicalmente a organização espaço-temporal da vida social, o que, portanto, toca diretamente nas matérias com que lida o historiador em seu ofício. Sabemos que hoje, não é necessário estar cara-a-cara com outra pessoa para uma interação instantânea, mesmo que esta interação seja para o exercício do poder por uma das partes – ilustram bem este caso as empresas que funcionam em rede, com trabalhadores remotos, em espécies de escritórios virtuais (LÉVY, 1996). Entramos então no que Lévy (1996) chama de uma economia da “desterritorialização” ou da “virtualização”. Somando-se os investimentos dos setores da informática e da comunicação digital àqueles do turismo, acrescenta o autor “a humanidade jamais dedicou tantos recursos a não estar presente (...)” (LÉVY, 1996:51).

Trata-se de uma intensificação das mudanças experimentadas na globalização, cuja imagem evocada muitas vezes, muitos hão de se lembrar, tratava-se de um globo terrestre redimensionado, reduzido. Tudo isso produz a noção sobre a qual falávamos anteriormente, de aceleração do tempo, de quase não percebermos quão rápido este tempo escorre. É preciso lembrar, assim, que este “surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo, mas também obscurece as referências do espaço” (SEVCENKO, 2009:20-21).

O problema que temos diante de nós também diz respeito portanto, a uma nova compreensão do espaço, um novo espaço público de sociabilidade, que podemos chamar de ciberespaço (LÉVY, 2000:92-92):

*...espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.(...) Essa definição inclui o conjunto dos sistemas*

---

<sup>1</sup> A expressão “Era Google” é utilizada pelo historiador Carlo Ginzburg Durant sua comunicação ao evento Fronteiras do Pensamento 2011, ao tratar da relação entre Internet e História no século XXI. A conferência “História na Era Google” encontra-se disponível em: <http://www.frenteirasdopensamento.com.br/portal/noticias/2011/03/13/fronteiras-no-youtube-carlo-ginzburg> Último acesso: 31.05.12.



ANAIIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO  
ISBN 978-85-65957-00-7

---

*de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século.*

O ciberespaço é, antes de todo o resto, espaço. Espaço para tudo o que descreve Lévy, mas também espaço enquanto ambiente (ainda que digital), lugar de registro de experiências novas, terreno onde se deixam os traços do tráfego digital, suporte de memórias. Poderíamos pensar em estabelecer fronteiras para o espaço e o ciberespaço, mas as práticas atuais de nossa sociedade, até mesmo no modo de falar da geração atual, nos advertem que esta é mais uma fronteira flexível da contemporaneidade. Os jovens de hoje, não dizem mais como as gerações precedentes “entrar na internet”. Entrar e sair do ciberespaço não é mais concebível, pois ele se estende para além do momento em que estamos conectados. O simples gesto de ligar o computador é já estar lá, mas mesmo quando o aparelho está desligado, nós não deixamos de existir no ciberespaço. Haveria então, uma continuidade entre espaço e ciberespaço que, praticamente nos desobrigaria de usar o prefixo “ciber-”, pois o simples fato dele compor uma palavra não infere a esta uma dimensão unicamente virtual. Assim, o processador de texto eletrônico ou a calculadora de dados por ela mesma é obsoleta. Hoje as grandes empresas de informática, telefonia, som e imagem não vendem apenas celulares, TVs, rádios e computadores, mas uma grande variedade de dispositivos eletrônicos que nos permitem estar conectados o tempo inteiro, como *smartphones*, *iPods*, *iPhone*, *iPad*, *tablets*, *netbook*, lousas eletrônicas para salas de aula, leitores de livros digitais (como *Kindle*, da Amazon) com tecnologia *wireless* e 3G de acesso à Internet, TVs digitais etc.

É no ciberespaço e imbuídos destes novos hábitos, neste afã de tudo *compartilhar*, tudo *postar*, *salvar* que agora circulamos deixando e produzindo novas marcas. O historiador italiano Dario Ragazzini, um dos principais estudiosos do que lá chamaram de “Historiografia

Digital”, pensando sobre a relação entre o par História e Internet nos chama atenção (RAGAZZINI, 2004:VII)<sup>2</sup>:

*Acontece que a atividade cotidiana – alta ou baixa, excepcional ou extraordinária – deixa traços do tipo informático, que serão os documentos e as fontes da história futura do nosso presente. Como a historiografia de uma cultura alfabética é diferente daquela oral, assim também a historiografia de uma cultura digital será – e já o é – diferente daquela de uma cultura alfabética.*

Dessa forma, estamos diante de um momento importante para a história e a historiografia. Buscando saber se para lidar com estas diferenças será preciso reformular alguns paradigmas da prática historiográfica (COHEN e ROSENZWEIG, 2005) ou se, a operação necessária para lidar com estas novidades trata-se apenas de uma adaptação (ALMEIDA, 2011:03), uma atualização do “velho” ofício do historiador cujas bases epistemológicas repousam sobre pilares muito anteriores à Era Google (NOIRET, 2004:68-69).

Para este questionamento, a história sem fio da nossa Era Google ainda não encontrou resposta. Dissemos “sem fio” por um lado, por percebermos que a possibilidade dos deslocamentos humanos atuais – reais/analógicos e cibernéticos/virtuais simultaneamente – se dá graças às novas Tecnologias de Informação e Comunicação, que permitem uma nova noção de espacialidade, em que nem mesmo estar conectado a um aparelho eletrônico fixo ligado a fios (*wired*) é necessário para circular no ciberespaço.

Hoje, graças à tecnologia de acesso à Internet sem fio (*wireless*), é possível responder um e-mail, publicar um *tweet*, postar uma foto ou um texto em um *weblog*, ou realizar uma vídeo-chamada via *Skype* a partir do vagão de um trem, do saguão de um aeroporto, de um automóvel em movimento no meio de uma autoestrada, ou de uma praça pública. Hoje é possível, estar na rua, no meio de um ato público, algumas vezes, organizado através da própria Internet (como vimos no último 26 de maio, em várias cidades do Brasil, o movimento “Marcha das Vadias”, organizado, sobretudo a partir das redes sociais, como Facebook e Twitter) e publicar instantaneamente uma foto do momento em um mural ou página do Facebook. A História, como as demais ciências humanas não pode fechar os olhos

<sup>2</sup> Tradução livre do Italiano para o Português.

ou observar tudo isso passivamente. Como já dissemos acima, apesar da dificuldade diante das constantes transformações, não há uma impossibilidade de reflexão e crítica. Devemos procurar operá-las e romper, assim, com o que Sevcenko chama de “Síndrome do Loop” (SEVCENKO, 2009:17), que diante da estupefação do homem pela velocidade com que a ciência e a tecnologia avançam, emudece sua crítica, deixando-o catatônico, observar todas as mudanças passivamente.

Por outro lado, chamamos a História desta contemporaneidade quase “líquida” - como apreciaria Sygmunt Bauman - de “sem fio”, pois, ao menos no que diz respeito à operação historiográfica a partir das fontes históricas próprias da Era Google, percebemos que os historiadores ainda não encontraram o fio da meada. Graças à fluidez dos dados na Internet, documentos nascidos digitais ou digitalizados a partir de uma versão originalmente impressa, não têm vida assegurada no ambiente digital. Isso muitas vezes faz com que referências a documentos disponíveis online, se convertam, na realidade, em completa escuridão, como quando acedemos a um link referido em algum outro texto e somos direcionados em nosso navegador para um endereço corrompido, e o programa nos informa *Error 404: Page not found*.

Em contrapartida, a escrita já em formato digital, apresenta-se sedutora aos que dominam as técnicas de edição de textos em ambientes eletrônico-digitais. A hipertextualidade, isto é, a possibilidade de transformar uma palavra ou qualquer outro elemento de uma página da web em um link e, a partir dele, redirecionar o leitor para um ou mais endereços (que podem redundar em outro texto, fotos, vídeos, mapas, música etc.), permite que um texto qualquer seja escrito em diversas camadas, fazendo uso de um, dois ou mais tipos de mídias no mesmo documento. Este tipo de escrita, que se diferencia de uma mera “reimpressão eletrônica”, seria, como observa Serge Noiret, historiador da informação e estudioso da relação entre História e Internet, propriamente o que poderia se chamar “historiografia digital” (NOIRET, 2005:173).

Em 2004, em uma comunicação feita em Fiesole (Itália), o então editor da *American Historical Review*, Michael Grossberg<sup>3</sup> caracterizou a escrita da história que se apropria das

---

<sup>3</sup> Sua apresentação “*Taking the Right Path: Electronic Publication and the Creation of New Histories for the New Age*”, in *Fiesole Collection Development Retreat Series* encontra-se disponível em: [http://www.casalini.it/retreat/2004\\_docs/Grossberg.pdf](http://www.casalini.it/retreat/2004_docs/Grossberg.pdf) Último acesso: 11/05/12



ferramentas da Internet para a construção dos textos como uma “expressiva construção de textos”. A expressividade mais intensa do discurso digital, tal como descreve Grossberg, seria garantida justamente pela hipertextualidade e, consequentemente, hipermedialidade, características da Internet, como vimos há pouco. São estas características que pressupõem, como já havia apontado Robert Darnton refletindo sobre esta “revolução historiográfica”, o processo de escritura eletrônico e digital da *Digital History*, como chamaram os norte-americanos.

Para Darnton, “escrever digital” implica também pensar no leitor digital. O que significa, desde o primeiro momento da concepção de um texto, pensar os formatos e recursos multimediais (textos, iconografias, músicas, vídeos, mapas, referências sitográficas e bibliográficas etc.) que serão mobilizados para torná-lo mais fluido e adequado ao ambiente digital, construindo, desde o início, um texto em vários andares, vários níveis, valendo-se justamente do recurso estilístico, mas não só, dos hipertextos (DARNTON, 1999). Sintetizando, a “Historiografia Digital” italiana ou a “Digital History” estadunidense consistiria em escrever digital e comunicar com a rede (NOIRET, 2005) valendo-se de todos os seus recursos e possibilidades.

Assim, podemos imaginar, a rede das redes, transforma-se não apenas em um repositório de fontes, mas também um espaço de escrita e divulgação dos resultados das investigações históricas que podem ou não ter utilizado a Internet como fonte.

Neste panorama, três dispositivos clássicos da prova histórica encontram-se mutados e para alguns, essa mutação pode acarretar grandes transformações também no modo de fazer história. O historiador Roger Chartier faz algumas observações contundentes (CHARTIER, 2009:60-61):

*(...) Esses três dispositivos clássicos da prova da história (a nota, a referência, a citação) estão muito modificados no mundo da textualidade digital a partir do momento em que o leitor é colocado em posição de ler, por sua vez, os livros que o historiador leu e consultar por si mesmo, diretamente, os documentos analisados. (...) Aqui há uma mutação epistemológica fundamental que transforma profundamente as técnicas da prova e as modalidades de construção e validação dos discursos de saber.*

O que chama atenção, Chartier, diz respeito, sobretudo, a um padrão de escrita que remonta aos textos clássicos da história disciplina do século XIX, resguardado pelo bastião do positivismo, e reafirmado depois em outras tradições. São protocolos de referencialidade estreitamente ligados ao conceito de autoridade que, no atual cenário descrito aqui, já foi transformado. A nossa “história sem fio” ampliou, como nunca antes e depois de Gutenberg, as possibilidades de autoria. Se é verdade que um dos problemas para os estudiosos da “historiografia digital” é a criação de um novo padrão de referências hipertextuais, que pouco preserva na forma as nossas tão conhecidas notas de pé de página, também é verdadeiro que pouco sabemos sobre como classificar os textos e ordená-los segundo alguma lógica que leve em consideração o lugar de fala de seus autores. Um dos perigos do nosso tempo é, aliás, a produção de uma história sem historiadores, facilmente encontrada na Internet em vários sites diletantes, com narrativas amadoras e, em determinados casos, comprometidas ideologicamente.

Por tudo isso, esta nova modalidade historiográfica que vemos se desenhar ainda está, portanto, buscando o fio a seguir. As perguntas são muitas e a obsolescência de todas essas tecnologias, bem como das ideias que fazemos delas, parece dificultar ainda mais a apreensão de algum sentido. É preciso, portanto, não temer o loop e enfrentar a gravidade perseverantemente enquanto estivermos de ponta-cabeça. A crítica não pode sucumbir ao avanço técnico, como nos alertou Sevcenko. Com algum esforço e paciência há de se enxergar alguma forma, ou pelo menos silhueta, dessa história que está ficando para trás na paisagem borrada pela velocidade da nossa montanha-russa.

## Referências:

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, UNESP, 1999 (1ª reimpressão 2009).

COHEN, Daniel e ROSENZWEIG, Roy. Digital History. **Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web**. Center for History and New Media, George Mason University, Washington D.C., 2005. Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/> Último acesso em: 09/04/2012.





ANAIIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO  
ISBN 978-85-65957-00-7

---

DARNTON, Robert. A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace, **American Historical Association**. Mar, 1999. Disponível em:  
<http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm> Último acesso: 11/05/12.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

NOIRET, Serge. La 'nuova storiografia digitale' negli Stati Uniti (1999-2004). **Memória e Ricerca**, nº 18, gennaio-aprile de 2005. Disponível em:  
<http://www.fondazionecasadioriani.it/modules.php?name=MR&op=body&id=339> Último acesso: 11/05/12;

\_\_\_\_\_, Serge. La Storiografia Contemporanea Nella Rete Del 'vilaggio globale'. In: RAGAZZINI, Dario (org.). **La Storiografia Digitale**. Torino: UTET Libreria, 2004.

RAGAZZINI, Dario (org.). **La Storiografia Digitale**. Torino: UTET Libreria, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa**. São Paulo: Cia das Letras, 2009 (10ª reimpressão).